

ORIENTE MÉDIO/ Uma semana depois do ataque à Venezuela, Donald Trump reitera seu apoio aos protestos contra o regime islâmico e promete que os EUA "estão prontos para ajudar" os manifestantes. Crise entra na terceira semana e se alastra

Agora, o Irã na mira

» ISABELLA ALMEIDA

Os Estados Unidos estão "prontos para ajudar" os iranianos a alcançar a liberdade "como nunca antes" prometeu ontem o presidente Donald Trump, enquanto manifestações contra o regime islâmico ganhavam as ruas de Teerã, já na madrugada de hoje (horário local, tarde de ontem em Brasília), marcando a entrada na terceira semana de protestos contra a crise econômica. A declaração foi feita por Trump uma semana depois de ter ordenado uma incursão militar na Venezuela e a captura do presidente Nicolás Maduro.

O receio de que o governo reprima mais violentamente os protestos se intensificou à medida que a crise recrudesce, com manifestantes queimando bandeiras e retratos do líder supremo do país, o aiatolá Ali Khamenei, que denuncia uma "ingerência" de Washington. Os iranianos estão sem acesso à internet desde a última quinta-feira, em meio à contestação mais veemente ao regime nos últimos três anos.

A situação representa um dos principais desafios às autoridades teocráticas que governam o país desde a Revolução Islâmica de 1979. "O Irã vislumbra a liberdade, talvez como nunca antes. Os EUA estão prontos para ajudar!", publicou Trump em sua rede social Truth Social. A publicação foi postada um dia depois de o presidente norte-americano anunciar, uma vez mais, que poderia ordenar ataques militares. O secretário de Estado, Marco Rubio, publicou no X que "os Estados Unidos estão ao lado do corajoso povo iraniano".

Imagens que circulam nas redes sociais e são transmitidas por canais de televisão em língua persa, fora do Irã, mostram que os protestos se espalharam para além da capital. Manifestações foram documentadas em algumas das principais cidades, como Mashhad, Tabriz e Qom.

Ainda ontem, Reza Pahlavi, filho exilado do último xá do Irã, celebrou a "magnífica" participação nas manifestações de sexta-feira. Além disso, Pahlavi estimulou os iranianos a organizarem protestos mais focados durante o fim de semana e a "toremarem e controlarem os centros urbanos". Pahlavi, cujo pai, Mohammad Reza Pahlavi, foi deposto na revolução de 1979 e morreu em 1980, anunciou que está se preparando para "retornar à pátria" em breve.

Censura

O acesso à internet foi bloqueado pelas autoridades, segundo a ONG de cibersegurança Netblocks. "O regime iraniano cortou os canais de comunicação dentro do país" e "bloqueou todos os meios de contato com o mundo exterior", alertaram dois cineastas e militantes conhecidos, Mohammad Rasulof e Jafar Panahi. "A experiência comprova que o objetivo dessas medidas é encobrir a violência infligida durante a repressão aos protestos", declararam eles na conta do Instagram de Panahi, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes do ano passado.

A ganhadora iraniana do Nobel da Paz, Shirin Ebadi, afirmou na sexta-feira que as forças de segurança podem estar se preparando

Mandel Ngan/AFP



Manifestação diante da Casa Branca em apoio aos protestos contra o regime iraniano: Washington engrossa o coro por "liberdade"

AFP



Ativista retira bandeira da República Islâmica e ergue a da antiga monarquia na fachada da embaixada iraniana em Londres

para cometer um "massacre sob a cobertura de um amplo bloqueio de comunicações". Segundo ela, a ONG Iran Human Rights divulgou fotos de corpos empilhados em um hospital.

limita as possibilidades de reintegração do país a fóruns multilaterais."

Apóio em Londres

Em Londres, diante da embaixada no Reino Unido, um manifestante substituiu rapidamente a bandeira da República Islâmica por uma da antiga monarquia. O ato simbólico ocorreu ontem, durante manifestação em apoio aos protestos no Irã. Um vídeo que circula nas redes sociais mostra um homem na sacada do prédio, no centro da capital britânica, retirando a bandeira oficial, sob aplausos das centenas de pessoas reunidas, e substituindo-a por outra, estampada com um leão e um sol, símbolos da monarquia. A bandeira do antigo regime ficou no mastro por vários minutos antes de ser retirada, revelaram testemunhas a um jornalista da AFP.

O aiatolá Ali Khamenei criticou, na sexta-feira, os "vândalos" que, segundo ele, estão por trás dos protestos, e acusou os Estados Unidos de estimulá-los. "Estamos em plena guerra", reforçou Ali Larijani, um dos conselheiros do líder supremo e chefe da principal agência de segurança do país, denunciando "incidentes orquestrados no exterior".



Manifestação diante da Casa Branca em apoio aos protestos contra o regime iraniano: Washington engrossa o coro por "liberdade"

AFP



Ativista retira bandeira da República Islâmica e ergue a da antiga monarquia na fachada da embaixada iraniana em Londres

Duas perguntas para

RICARDO CAICHOLO, professor de Relações Internacionais e diretor do Ibmc Brasília

Quais fatores estruturais da economia iraniana ajudam a explicar o aumento desses protestos?

A economia iraniana enfrenta inflação acima de 40%, forte desvalorização da moeda e queda de receitas devido às sanções que limitam a exportação de petróleo. A combinação entre isolamento externo e priorização de gastos militares reduziu o poder de compra, ampliou o desemprego e transformou a crise econômica em insatisfação política generalizada.

Existe potencial para que esses protestos evoluam para um movimento mais amplo ou eles tendem a ser contidos pelo governo?

Os protestos atuais reúnem diferentes classes



Arquivo cedido

sociais e expressam uma rejeição mais ampla ao regime. Embora o governo consiga conter manifestações pontuais com força, a insatisfação política se tornou difusa e persistente, indicando um quadro de instabilidade prolongada.

Jihadistas sob ataque na Síria

Os Estados Unidos e forças aliadas fizeram ontem uma série de ataques "em larga escala" contra o grupo jihadista Estado Islâmico (EI) na Síria, informou o Comando Militar Central (CentCom) norte-americano, que atua no Oriente Médio. Trata-se de mais uma represália à ofensiva lançada pelos fundamentalistas em dezembro, com saldo de dois militares e um civil americanos mortos.

Washington acusou um "agressor solitário" do Estado Islâmico pelo ataque de 13 de dezembro em Palmira, sítio arqueológico histórico que chegou a ficar sob controle de combatentes jihadistas em meio à guerra civil entre grupos de oposição e tropas leais ao então presidente Bashar al-Assad, deposto no fim de 2014.

"Os ataques tiveram como alvo o Estado Islâmico em toda a Síria", informou o CentCom na rede social X. A ação foi apresentada como parte da operação Hawkeye ("olho de falcão", em inglês), lançada em "resposta direta ao ataque mortal do EI contra bases dos Estados Unidos e da Síria em Palmira". Forças norte-americanas e da aliada Jordânia, vizinha à Síria, haviam realizado uma rodada prévia de bombardeios no mês passado, e atingiram cerca de 70 alvos do grupo jihadista.

A ação contra os americanos em Palmira foi o primeiro incidente desse tipo, no país, desde a derrubada de Bashar al-Assad. O pessoal norte-americano atingido apoava a operação Inherent Resolve, uma coalizão internacional para combater o Estado Islâmico, que se apoderou de amplos territórios na Síria e no Iraque em 2014.

Embora os jihadistas tenham sido derrotados por forças terrestres locais, com apoio de bombardeios internacionais, o Estado Islâmico manteve ainda hoje alguma presença na Síria, especialmente nas vastas áreas de deserto fronteiriças ao Iraque.

Paralelamente, o governo dos EUA se dirigiu ao atual governo sírio e às milícias da minoria étnica curda para que suspendam as hostilidades na região de Aleppo, no norte do país, e abram negociações. A coalizão que assumiu o poder com a derrubada do antigo regime trata de conquistar os últimos redutos curdos na área dos combates, próxima à fronteira da Turquia.

O chefe do governo provisório, Ahmad al-Sharaa, foi ele próprio um jihadista e manteve ligações com o EI, mas afastou-se do grupo e buscou apoio nos EUA e em Israel.

NICARÁGUA

Jairo Cajina - El 19 Digital/AFP



Presos políticos abraçam familiares ao sair da prisão, em Manágua

Dezenas de opositores libertados

Dias depois de o governo integrante (chavista) da Venezuela anunciar a libertação de "um número significativo" de prisioneiros políticos, inclusive estrangeiros, ontem foi a vez do governo esquerdista da Nicarágua, aliado incondicional do regime de Caracas, informar sobre medida semelhante. "Dezenas" de opositores teriam deixado o cárcere, segundo as autoridades sandinistas. Na véspera, a embaixada norte-americana em Manágua havia pressionado pela liberdade de dezenas de ativistas que apontou

como "injustamente detidos".

O comunicado oficial nicaraguense relaciona a medida "as comemorações pelos 19 anos" do retorno ao poder de Daniel Ortega, que presidiu o país pela primeira vez a partir de julho de 1979, como líder da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), organização guerrilheira que derrubou pelas armas o ditador pró-norte-americano Anastasio Somoza. Derrotado nas urnas pela oposicionista Violeta Chamorro, em 1990, voltou ao poder no fim de 2006, à frente

de uma FSLN fragmentada por divisões — e sob duras críticas do irmão, Humberto, que foi ministro da Defesa no primeiro período de governo sandinista.

"Esta ação é símbolo da nosso compromisso invariável com o encontro, a paz e o direito de todos a uma convivência familiar e comunitária, respeitosa e tranquila", diz a nota. No texto publicado no dia anterior, na rede social X, a embaixada dos EUA havia mencionado "mais de 60 pessoas" que seguiam presas na Nicarágua, no mesmo

dia em que "um grande número de presos políticos" estavam sendo libertados na Venezuela.

A iniciativa dos regimes venezuelano e nicaraguense se segue à operação militar fulminante pela qual comandos de elite norte-americanos capturaram em Caracas o presidente Nicolás Maduro e o levaram para Nova York, onde será julgado por crimes relacionados ao "narco-terrorismo". Acusações semelhantes são feitas por Washington a Daniel Ortega, embora não existam contra ele, por ora, ações na Justiça.